CONCÊRTOS

303

promovidos pela

CÂMARA MUNICIPAL DE LISBOA

no

COLISEU DOS RECREIOS

1.ª SÉRIE—JUNHO DE 1945

COMPOSTO E IMPRESSO NAS OFICINAS GRÁFICAS DA C. M. L.

4.º CONCÊRTO

(último da primeira série)

no

COLISEU DOS RECREIOS

promovido pelo

CÂMARA MUNICIPAL DE LISBOA

com a

SOCIEDADE CORAL DE LISBOA

e a colaboração da

ORQUESTRA SINFÓNICA NACIONAL

Direcção do maestro

Frederico de Freitas

Ensaiador de coros Prof. Jaime da Silva

Sexta-feira, 29 de Junho de 1945, às 21,45

PROGRAMA

I PARTE

O Dilúvio (Poema Bíblico) . . . . . SAINT-SAËNS

solos, coros e orquestra

Prelúdio: Orquestra (Violino solista Paulo Manso)
1.ª Parte: Corrupção do homem—Cólera de Deus—Aliança com Noé
2.ª Parte: A Arca — O Dilúvio
3.ª Parte: A Pomba — Saída da Arca — Benção de Deus

Solistas

VIOLANTE MONTANHA, FERNANDA COELHO, RAÚL SANTOS
e DR. SILVA SANTOS

II PARTE

Nona sinfonia (op. 125 em ré menor) BEETHOVEN

com côro final sôbre a ode à Alegria de Schiller

a) — Allegro ma non troppo, un poco maestroso
b) — Molto vivace
c) — Adagio molto e cantabile
d) — Final

Solistas

JULIETA SILVA SANTOS, DR. LOUREIRO DINIZ
FERNANDA COELHO e JOSÉ EURICO LISBOA

NOTAS EXPLICATIVAS

Camille Saint-Saëns

1835 — 1921

O DILÚVIO

Em 1840, com cinco anos e meio, Saint-Saëns apresentou-se como pianista executando, de cor, um programa em que se incluiam obras como um concêrto de Mozart, uma fuga de Haendel, um prelúdio e fuga de Bach e o concêrto em dó menor de Beethoven.

Assim teve o seu primeiro contacto com o público aquêle que Ludovic Halevy viria a definir nestes têrmos que devem ser tomados com um certo cuidado: «É o Haydn, o Mozart, o Beethoven francês. É um clássico».

Que se dê um ao outro título a Saint-Saëns pouco importa, bastando para o manter na posição que bem lhe cabe de grande músico francês, obras como a sinfonia em dó menor com órgão composta sôbre o motivo do Dies iræ, o concêrto para piano em sol menor, Sansão e Dalila no género dramático (aliás concebido primeiro como oratório), e ainda precisamente o Dilúvio que hoje se executa integralmente pela Sociedade Coral de Lisboa e Orquestra Sinfónica Nacional sob a direcção de Frederico de Freitas.

A obra vocal dramática de Saint-Saëns (esta inclui vinte partituras de ópera) é vasta, incluindo, além do O Dilúvio, uma missa para quatro vozes e órgão, o salmo Cœli enarant, um Requiem, um colecção de vinte motetos, cantatas como Le Feu Céleste, La Gloire de Corneille, The Promised Land, etc..

O Dulúvio a que o seu autor chama «poema bíblico para solos, coros e grande orquestra» foi composto sôbre o poema de Louis Gallet que forneceu a Saint-Saëns grande número de argumentos dramáticos. O Dilúvio estreou-se em 5 de Março de 1876 nos concertos de Châtelet, cêrca de um ano antes da estreia de Sansão e Dalila de que constitui de certo modo como que um percursor no notável encadeamento melódico e sólida construção.

O Dilúvio divide-se em três partes precedidas por um prelúdio já bem conhecido do nosso público.

A primeira parte, anunciada pelo prelúdio construído sôbre dois temas dos quais o segundo exposto por um violino solista caracteriza a pureza do homem das primeiras idades, é ainda tripartida: «Corrupção do homem», motivo da cólera de Deus — «Eu vou acabar com a raça dêstes homens filhos de Adão», tema de Noé (a Aliança): «Ele era um homem justo e temente a Deus».

A orquestra reduz-se aos arcos. Os coros exprimem a indignação do Criador.

A segunda parte: «A arca; o dilúvio» emprega uma orquestra aumentada com extraordinárias exigências como certos tipos de trombones e cornetas recém-chegados ao tempo da composição e que depois se vieram a abandonar. A parte vocal é um recitativo dramático aterrorizado mas nobre.

Na terceira parte onde se destaca o trabalho do quarteto solista a par da grandiosa fuga a cargo do côro, compreende as epígrafes: «A pomba; saída da arca; a bênção de Deus.

A orquestra reduz-se agora às proporções normais; o quarteto de solistas vai cedendo lugar ao côro que na fuga canta a aliança de Deus com os homens a quem concede o perdão anunciando-se como «Jeovah, o Deus de amor».

José Blanc de Portugal

COROS

PRIMEIRA PARTE

Reinava a paz. A Terra dava sempre pão
E a doçura do mel aos Filhos de Adão.
Nas tendas o Amor inspirando cantigas,
No campo o labutar de lindas raparigas.

Até dos Céus
Anjos de Deus
Vinham viver ali.

E assim aconteceu que os anjos lá d'Alturа
conheceram o Amor em beijos de ternura;
E, por mal, só gigantes nasceram dêsse amor.

O Homem caminhava de mal a pior.

O mal cresceu, grassou o vício imundo;
Por suas más acções o Homem ultrajou Deus
E Deus se arrependeu de ter criado o mundo.
Foi então que se ouviu no espaço a Voz de Deus.

Eu vou acabar com a raça
Dêstes homens Filhos de Adão
Que por desprezarem a Graça
Irão ter minha maldição!

Foi o Direito violado
Foi o Amor profanado;
Farto estou desta raça má!
Corpos e almas sem nobreza,
São covis de grande impureza
Nem pudor nem honra há já!

Noé ao olhar do Eterno merecia a Graça dos Céus.
Pois era um varão justo e temente a Deus.
Disse Deus:

Meu perdão findou já,

Irão ter o castigo para os crimes seus!
Vai fazer uma Arca alta, larga e comprida,
Para ti, para os teus.
E lá farás entrar um casal d'animais
Que depois transmitam a Vida.
Sou JEOVÁ — DEUS E SENHOR!
Contigo e com os teus Eu farei Aliança.
Sem demora! A justiça implora vingança;
Aos Maus maldição e horror!

SEGUNDA PARTE

Noé logo as ordens do Senhor cumpria.
E do Céu, por castigo, chovia, chovia.
E na selva furiosa rugiam leões,
No mar os vendavais levantavam procelas,
E p'lo espaço dos Céus ribombavam trovões.
Apagou-se o Sol e a luz das Estrêlas;
Reino de trevas — Antro de escuridão sem par

Passara já um mês e a chuva sem parar.
E as ondas revoltas subindo, subindo...
E, perante o tremendo castigo de Deus,
Os homens perdidos lá iam fugindo.
Bandos negros de corvos pairavam nos Céus.
E a chuva a cair como d'imensas fontes;
E surda dos homens ao clamor
Já cobria a Terra'té os mais altos montes.
E os uivos e rugidos das feras em furor,
E o clamor em vão desta humana raça
Se calaram então como um vento que passa;
Pois tudo destruira aquela maldição.

Entretanto a Arca vogava, sem norte,
À deriva, sulcando aquele mar de morte,
Aquel'mar de pavor — o mar da escuridão!

TERCEIRA PARTE

Mas Deus não se esqueceu do Perdão benfazejo;
Uma'aragem passou doce como um beijo
Em sinal de que o luto já ia acabar.
E Noé pôde abrir a janela da Arca
E um corvo lá foi das mãos do Patriarca
Para não mais voltar.
Mais tarde, Ele abriu à Pomba o postigo
Que a saltitar em vão procura um abrigo;
E foi talvez por isso que veio ao pôr do Sol.
Dias depois de novo parte a Pomba Mansa
Asas abrindo à Luz tal qual o gira-sol.
A brisa adormece aquele mar de bonança,
No espaço — oiro parece a luz primav'ril.
Tôda a Terra estremece em bênção ungida
Ao sentir brotar de si seiva da nova vida,
Qual noiva alegre e feliz com vigor juvenil!

Pela segunda vez voltou a Mensageira
Trazendo no bico um ramo d'oliveira.
Então viu Noé a terra a descoberto:
Sete dias mais tarde, com um rumo incerto,
Anciosa a Pombinha para a terra voou,
Desta vez a Pombinha já não mais voltou.
E a sorrir a terra, ao sol seu dorso erguia,
Numa ância de Vida d'Amor e d'Alegria.
Saiu Noé da Arca e um Altar construiu;
Imolou a seguir com muita piedade,
O Sol fêz um anel de Luz — sinal d'Amizade;
E outra vez a Voz do Eterno se ouviu:

Convosco farei Aliança,
Assim meu amor se compraz
(Vós e Eu seremos em paz)
Não quero outra vez a vingança.
Vá! Vivei e crescei em paz!

Quando virdes no Céu êste Arco refulgente,
Homens, acreditai que é o eterno penhor
E sinal de perdão e de paz indulgente
EU SOU JEOVA — DEUS D'AMOR!

(Versão portuguesa do
P.e Correia da Cunha)

Ludwig Van Beethoven

1770 — 1827

NONA SINFONIA EM RÉ MENOR (Op. 125)

A Sinfonia com côro final sôbre a ode de Schiller «an die Freude» para quarteto solista, côro a quatro vozes e grande orquestra é a mais profunda expressão do amor de Beethoven pela humanidade como a Missa Solene *representava a sua maior homenagem à Divindade exprimindo os seus sentimentos religiosos de católico embora não praticante.*

A orquestra de Beethoven que progressivamente se fôra enriquecendo, apresenta pela primeira vez na IX Sinfonia *o flautim, o contra-fagote, quatro trompas (duas em tôdas as outras sinfonias e três na Terceira), os pratos, o triângulo e o bombo além da contribuição coral que aliás ensaiara na* Fantasia *para piano, orquestra e coros.*

Beethoven hesitara longamente sôbre a utilização da voz nesta sinfonia que encontrou em Wagner um genial comentador literário-musical, que visionava na IX Sinfonia *a obra percursora do seu drama musical, síntese de tôdas as artes.*

Beethoven, perseguido por todos os seus males físicos e morais, completamente surdo, atormentado por desgôsto de família e sempre pobre, vai cantar a Alegria em formas duma ousadia inesperada que até aos nossos dias chocarão o conservantismo musical dos classicisantes *que com muita facilidade descobrem erros de construção numa fuga de Bach.*

Ao compilador destas linhas é-lhe impossível fazer aqui um comentário literário ou musical que traga a mínima novidade. A própria sublimidade da obra disso o impede pelo respeito devido ao génio.

Deve notar-se que Beethoven apenas utilizou parte da ode À Alegria *de Schiller. As palavras com que o barítono abre a contribuição vocal não pertencem ao poema de Schiller e devem atribuir-se a Beethoven.*

Eis um análise muito sumária que servirá apenas para pontos de referência para os menos conhecedores tal como se pode ler em qualquer livro elementar.

Allegro ma non troppo, un poco maestoso. *Curta introdução seguindo-se a exposição pelas cordas do primeiro tema. O segundo tema é exposto pela flauta (tom de fá) seguindo-se um desenvolvimento (conduzindo a dó menor) e imediàtamente a peroração com bateria.*

Molto vivace. Presto (Scherzo). *O andamento começa a tornar-se muito vivo. Os fagotes estabelecem um ritmo seguido pelas madeiras cada vez mais leves, cortado pelas pancadas dos timbales. Duas trompas cantam um tema largo de carácter popular procedido pelas escalas dos fagotes que circulam através de tôda a massa sonora.*

Adagio molto e cantabile. Andante moderato. *As cordas cantam com paixão, bem como as flautas e o quarteto de trompas (em unissono), pianíssimo, contrasta com as chamadas do clarim.*

Presto. Allegro assai vivace alla marcia. Andante maestoso. Adagio ma non troppo ma divoto. Allegro energico sempre ben marcato. Allegro ma non tanto. Poco adagio. Prestissimo-maestoso-prestissimo. *Preferimos dar tôdas estas indicações de andamentos a resumir a indicação do movimento por nos parecer assim mais fácil a referência para o auditor menos treinado. Os metais preludiam com os violoncelos e contrabaixos que pela primeira vez entoam o tema da ode* À Alegria. *As violas retomam o tema com um contraponto de fagote a solo. Depois dum largo momento no registo grave irrompem os primeiros violinos e elementos dos metais. O baritomo solista canta* Agora não mais tais cantos... *O solista alterna com o côro dos baixos. O baritomo começa o texto de Schiller e inicia-se a colaboração do quarteto solista a que breve se vem juntar o côro. Novamente o quarteto solista e nova intervenção do côro conduzem até ao movimento de marcha em que o tenor solista incita à vitória pela alegria. À sua voz responde o côro com vozes desdobradas. Até aqui o movimento tem sido uma variação sôbre o mesmo tema (variação amplificadora). Com o andante magestoso surge um novo tema:.* Milhões de almas... Para além das estrelas mora um Pai... Abraçai-vos... *No adágio (madeiras e violas, três trombones) e côro murmura* Para além das estrelas deve irmãos morar um Pai *repetindo esta frase sôbre um trémolo das cordas. Uma dupla fuga reúne os dois motivos. Nas palavras* Prosternai-vos... *volta-se ao tema do andante magestoso. No* allegro ma non tanto *o quarteto solista tem a maior responsabilidade. O soprano sobe até a si natural num canto doce indescritível. O* prestissimo *acaba num* maestoso *para a colaboração do côro com as habituais deficuldades da escrita de Beethoven.* A Sinfonia termina, *de novo, em prestissimo.*

Ides ouvir a obra que nos recusamos comentar. E nós nos orgulhamos de pertencer à mesma raça de homens que o mito de Prometeu simbolizou e Beethoven personalizou na Música.

José Blanc de Portugal

COROS

Agora, não mais tais cantos!
Outros mais suaves cantemos, Amigos,
e cheios de alegria! (Beethoven)

DA ODE «À ALEGRIA»
de Frederico SCHILLER

Bela, oh! divina flama,
Filha de Eliseu, sem par,
Nós entramos, de alma em chama,
Alegria, em teu altar!

Teus encantos harmonizam
Quanto a Vida separou!
Eis que os homens fraternizam
Onde pairas, em teu vôo!

A quem a sorte fagueira
Deu num amigo um tesouro,
Quem tem doce companheira
Venha unir-se neste côro!

E, mais, sôbre a terra quem
Sua outra alma chamar!
Quem o não puder, porém,
Fuja de nós, a chorar...

Alegria os seres bebem
Dos seios da Natureza;
Bons e maus todos prosseguem
Em sua senda de beleza!

Beijos nos deu; na videira,
Um amigo até ao fim;
Valúpia, à larva resteira;
No céu, glória ao querubim!

Ledos, como as astros correm
P'la celeste imensidade,
Ide, Irmãos, na vossa marcha,
Como o herói à vitória.

Abraçai-vos, milhões de almas!
Dai um beijo ao mundo inteiro!
Para lá do firmamento,
Deve, Irmãos, haver um Pai!

¿Prosternais-vos, milhões de almas?
¿O Criador pressentes, Mundo?
Busca-o p'ra além das estrêlas!
P'ra além das estrêlas mora!

(Versão portuguesa do
Dr. Francisco Fernandes Lopes)

O primeiro concêrto da segunda série realizar-se-à na noite de 25 de Outubro (Feriado da Cidade). Os concertos desta série serão dirigidos pelos maestros Ruy Coelho, Wenceslau Pinto, etc.

PREÇO 1$00